
* Res. *
* Port. *
* 103 *
* d *

Res. Port. 103 d

Res. Port. 103 d

DESENGANO
PROVEITOSO,
QUE
HUM AMIGO DA PÁTRIA
SE PROPOEM DAR
A SEUS CONCIDADÃOS



P O R T O:
NA TYPOGRAPHIA DE ANTONIO ALVAREZ RIBEIRO,
1809.

Com licença do Governo.



63 5 10 10 10 10 10 10

10 10 10 10 10 10 10

10 10 10 10 10 10

10 10 10 10 10 10 10 10

10 10 10 10 10 10 10

10 10 10 10 10 10 10

10 10 10 10 10 10 10

10 10 10 10 10 10 10

10 10 10 10 10 10 10

10 10 10 10 10 10 10

10 10 10 10 10 10 10

10 10 10 10 10 10 10

10 10 10 10 10 10 10

10 10 10 10 10 10 10

10 10 10 10 10 10 10

10 10 10 10 10 10 10

10 10 10 10 10 10 10

10 10 10 10 10 10 10

DESENGANO PROVEITOSO,

QUE

HUM AMIGO DA PATRIA SE PROPOEM DAR
A SEUS CONCIDADAOES.

ARGUMENTO.

OS males, que de presente fazem o infortunio de Portugal, devem obrigar-nos a indagar a sua causa. Quem for ceja pela descobrir a seus Concidadaos, he hum homem benemerito, e digno de ser escutado. Vertigem geral dos PRINCIPIOS da Europa. Assoma NAPOLEAO á testa dos Exercitos Francezes. Sua Coroaçao. Qual devia ser entaõ a politica dos Reis. Influencia maligna dos Ingleses. Rasgos de despotismo, daquelle Naçao para com os Portuguezes. Trabalha por despojar-nos de todas as riquezas. Obriga o PRINCIPE do Brazil a refugiar-se naquelle Continente. Delirio dos Portuguezes. Como se conduzio o Governo Inglez a nosso respeito. Provas incontestaveis de que intentava apoderar-se de Portugal. O que praticou, quando o não pôde conseguir á força descoberta. Regencia de Lisboa. Juizo sobre este Governo. Renuncia do PRINCIPE do Brazil á Coroa de Portugal. Anarchia, em que cahimos. Desordens, que se seguirão. Necessidade de hum Governo energico. Como nos devemos conduzir em hum negocio de tão grande momento. Dous partidos a tomar; Paz, ou Guerra. Sorte de Portugal, se proseguir na guerra com a França. Motivos, que nos deyem determinar a pedir o Ex.^{mo} Duque de Dalmacia para nosso Rei. O que seremos entaõ.

EU vou , Portuguezes , comunicar-vos os pensamentos da minha alma : queira o Céo fazer de minhas palavras accesos raios , que tenhaõ a divina força de persuadir-vos. Quando a Patria se vê exposta a huma alluviaõ de males ; quando caminha a passo cheio para a sua desorganizaõ total ; e o Povo , e os Cidadaõs , sem norte , que os dirija , sem luzes , que os esclareçaõ , luctaõ no horror das trévas , agitados por mil forças , que se combatem , deixará de ser escutado o Amigo da Patria , o homem sensivel , que vos falla com as lagrimas nos olhos , lagrimas vertidas pelas desgraças , que o opprimem , e que atormentáraõ indefinidamente os seus Concidadãos ? Tantos males , que havemos padecido ; tantos amigos , que nos roubou o ferro do poderoso vencedor ; tantas riquezas , que foraaõ o despojo de huma irada Tropa ; tantas contribuiçoens , (1) que ha mais de hum anno temos pago , com o sacrificio das nossas mais caras commodidades ; todos os horrores da guerra , que ha tanto tempo experimentamos , mormente desde o calamitoso dia 29 de Março , naõ nos forçaráõ a reflectir hum pouco sobre a verdadeira origem de nossos infortunios ? E se descobrirmos donde elles nascem , naõ nos daremos pressa a remediar-los ? Huma enfermidade mortal vai sensivelmente arrastando á sepultura a nossa desgraçada Patria ! Seus symptomas naõ pôdem appresentar-se mais funestos ! E seremos , como até aqui , tão insensiveis , tão cégos , e tão surdos ás vozes da razão , que naõ invoquemos o socorro da mais sabia Medicina ? . Nem meus talentos , nem minhas luzes bastarão talvez a descobrir a molestia em sua raiz ; mas as reflexoens , que ha annos tenho feito sobre a situaõ da minha triste Patria , serão talvez saudaveis a quem se dignar

(1) Eu faço aqui menção da Contribuiçao extraordinaria de guerra , porque foi huma pena da nossa opposição ás Proposiçoens de S. M. o Imperador , e Rei. Em toda a parte os vassalos pagaráo os crimes , e as faltas dos Soberanos .

gnar escutar a minha exposição. O Portuguez, longe de meus labios a vil, a interesseira adulação, que desfigura os vicios dos Grandes, para impetrar empregos, que lhe não merecia a sua inepcia: longe de mim fallazes argumentos, sophismas capciosos, prestigios da eloquencia, com que o máo homem pertende fascinar seus similhantes. O influxo da verdade animará sempre o meu coração; e se algumas vezes meus discursos condemnarem, ou os crimes dos Prepotentes, ou as baixezas dos pequenos, não temerei nem a espada dos primeiros, nem a maledicencia dos segundos. Que posso eu perder? Meus cabedais? Todos me foram saqueados. A honra? Não; porque o Cidadão, que levanta a voz para ensinar aos outros o caminho da felicidade, não perde a honra, mesmo sobre hum cidadafalso. A vida? O vida! e es tu hum bem, quando te flagellaõ as calamidades da guerra?

Causas bem conhecidas motivarão a Revolução da França. Não me pertence examinar a especie de justiça, com que Luis XVI. foi levado ao cidadafalso. Mas eu sei que as Naçoes são independentes, e que não toca aos SOBERANOS punir os crimes de vassallos, que lhes não pertencem. Os Reis da Europa devêrão regular sua conducta por este principio; mas a ambição presidio a seus Conselhos! e fingindo lastimas, que não sentiaõ, e promettendo desaffrontar à infeliz Família do defuncto Rei, quizerão retalihar a França, parecendo-lhes que as divisoens intestinas daquelle vasto Paiz facilitarião a execução de seus projectos.

Eis-aqui o fatal crime, que commeterão os Reis para desgraça de seus Póvos: não he outra a fonte, donde temos visto correr rios de sangue na Europa, no Egypto, e mesmo no Continente d'America. He desde esta Epoca, que o Commercio Portuguez data a sua decadencia; porque os Ministros, que dirigiaõ os Negocios públicos de Portugal, não escaparão á vertigem, que entao allucinava as Cabecas Coroadas. (1)

Acha-

(1) Todos sabem que a França não foi a Aggressora das mais Naçoes. Ela tractou só de repellar a força; com que a ambição dos

Achava-se a França empenhada em guerras com seus vizinhos, quando apareceu à testa de seus Exercitos o Homem mais extraordinário, que virão os séculos, NAPOLEÃO BUONAPARTE; seus talentos Militares, sua conducta sempre honrada, e valorosa, suas virtudes superiores, todas as qualidades, que formão o carácter do grande homem digno de reinar, lhe dêra o Throno da França, conformemente aos votos da Nação inteira.

Sua Coroação fez prever aos homens sensatos, que a França hia dar as Leis a toda a Europa; e que os SOBERBOS, que não conformassem sua Política com a do Imperador, e Rei, deviaão cair do Throno. Seria facil de persuadir aos PRÍNCIPES esta verdade; mas por infelicidade delles, e de seus Povos, não houve quem tivesse o valor, e a virtude de demonstrar-lha: e os Ingleses, consumados à tyrannia dos mares, vendo proxima a sua queda, sem os pontos de apoio, que os sustentavaõ na Europa, empregárao o ouro, e as mentiras da mais baixa política para formar funestas coalizoens contra o Arbitro de todas as Nações. São, ó Portuguezes, saõ os nossos denominados Aliados, a quem devemos attribuir os infortunios, que desolaõ, ha tanto tempo, a nossa exausta Patria. Eis-aqui huma das verdades fundamentaes, que me proponho provar, porque tal hę a cegueira de muitos meus Concidadãos, que sofrem os açoites, sem verem a pezada trágo, que os descarrega.

A Inglaterra trabalhou sempre por nos tirar o ouro do Brazil. Os Portuguezes, diz hum Escriptor judicioso, (1) fizerão as principaes descobertas do Novo Munda: tiverão em suas mãos todo o Commercio das Indias, e no seu porto de Lisboa o Armazem geral da Europa. Esta Cidade, que foi tão poderosa, vio, pela negligencia de seus Ministros, anniquilar-se diferentes ramos do Commercio; e insinuar-se é que o seu porto é agora o de menor actividade.

PRÍNCIPES da Europa presumia dividí-la: e foi tão feliz em suas Campanhas, que não somente resistiu, mas adquirio mui largas Posseções Continentaes.

(1) *Le Politique, Dangis,*

{ 3 }

sensivelmente perdeu seu lustre, suas riquezas, sua agricultura, suas manufacturas, e conseguintemente a sua independencia. Portugal era huma Nação laboriosa, aguerrida, e célebre por sua industria: os Portuguezes pareciam ter sido collocados debaixo de hum clima, que lhes dava superioridade em muitas cousas sobre o resto dos Europeos; todavia Lisboa lhe escrava. Esta palavra revolta o coração humano; mas he força confessarmos que tal he a situação de Portugal! — E será empenho superior ás nossas forças demonstrar a ambiciosa maõ, que nos lançou os ferros. Deixemos fallar a Historia, que põem à descoberto toda a perfidia Britânica para comnoso. Depois da descoberta das minas do Brazil, esforçou-se aquella Nação em persuadir ao Gabinete de Lisboa, que hum povo, que tem minas d'ouro, não deve cuidar em agricultura, nem industria: (1) oferece-se com fraudolenta generosidade para fornecer-nos o necessário á vida, e mesmo ao luxo: fez crer a nossos Ministros, que o Commercio he a ubica fonte da opulencia: enviou-nos pannos, chapeos finos, meias de seda, e muitos outros artefactos por preço muito inferior ao dos fabricados em Portugal. Quem não vê nesta apparente generosidade mortaes golpes desatados sobre a industria Portugueza? Quem não conhece, que as vistás da Inglaterra eraõ destruir as nossas Fabricas, para nos empolgar toda a opulencia Nacional? Mas deixemos tempos antigos, porque os exemplos recentes serão mais capazes de persuadir-vos. Determinado S. M. o Imperador, e Rei a restabelecer a liberdade dos mares, que a Gran-Bretanha tão impudentemente havia usurpado, enviou a Portugal o General Junot, a cojo cargo poz defender nossos portos da tyrannica influencia das Ingleses. Era esta huma medida, propria de sua superior Politica, porque vedados os portos da Europa aos

(1) A malicia, que encerra esta proposição, he bem grosseira. A nossa independencia da Inglaterra seria perfeita, se cuidassemos em aperfeiçoar as nossas Fabricas, e aumentar a Agricultura. Mas os Ingleses queriam-nos fazer escravos, constituindo-nos na dura necessidade de lhes darmos ouro, a troco do que podíamos ter de abundancia em o nosso Paiz.

navios Ingleses ; entraria esta Nação soberba em negociações racionáveis ; e poderia cada huma das Potencias navegar a seu salvo , sem pedir primeiro passaporte ao Ministerio Inglez. (1) Porém S. A. o PRÍNCIPE do Brazil , illudido pelas suggestoens do Gabinete de S. Jaimes , chegou a intimidar-se , suppondö dirigidas contra a sua Pessoa armas , que só se dirigiaõ a manter a honra , e a independencia do seu Throno. Pelo que teve a fraqueza de abandonar os seus vassallos , levando Marinha , Thesouros , e todo o precioso ; e deixando-nos na cruel situaçao do mais deploravel desamparo. Que PRÍNCIPE ? .. Que Conselheiros ! ..

Chegou o dia , em que quatro Soldados , querô dizer , quatro homens , que tem pouco que perder , levantáraõ a voz , proclamando PRÍNCIPE DE PORTUGAL , hum PRÍNCIPE , que só o queria ser dos Estados do Brazil : e o Povo , sempre amigo dé facções , sempre pròmpto a ter parte no que faz estrondo , encorporou-se aos insurgentes. Então se tractou de restaurar a Corte , pensando-se loucamente , que , vencido Jundt com o seu Exercito , poderiamos julgar-nos seguros do poder da França. Qual imaginava os Perinneos , barreira insurmontavel aos Batalhoens Francezes : qual supunha já , na embriaguez de seu entusiasmo , ou mortos , ou , pelo menos , derrotados os Generaes Bessiers , Le-Févre , e Moncey. O frenesi não podia ser mais furioso. Causava lastima ver huma Nação , que nem as suas forças , nem as do poderoso Adversario conheciaõ. (2) Alguns , a quem

O

(1) Hum Deputado do Parlamento de Inglaterra começoou o seu discurso por estas formaes palavras — Não se deve atirar hum tiro de canhão em qualquer parte do mundo , sobre mar , sem licença da Gran-Bretanha. — Le politique Danois. pag. 16.

(2) Todos os homens judiciosos , com quem fallei , reprovavaõ a revoluçao dos Portuguezes , porque anteviaõ as desgraças , que depois vieraõ — Não basta , diziaõ elles , desfazer-nos do Exercito , que agota occupa Portugal ; he necessario pôdermos impedir que entrem novas Tropas : ora se a Hespanha succumbe , como he provavel , quem nos defenderá ? — O pronostico verificou-se ; mas o Povo , que acredita as profecias do Bandarra , não quer ouvir os conselhos da Prudencia.

• exemplo de Napoles , e da Suecia naõ ensinára ; punhaõ os olhos na Inglaterra , contando que seríamos sempre vitoriosos das armas Francezas , tendo em nosso soccorro as dos Ingлезes. Agora , ó meus Patricios , he que supplico o obzequio da vossa attençāo : attentai no que vou contar-vos , e conhecereis se he o odio , ou a verdade , que influe nos pensamentos da minha alma.

Posto o Governo Provisional do Porto em a necessidade de invocar os auxilios da nossa Alliada , pedio-lhe armas , e dinheiro , porque de huma , e outra cousa careciamos para os misteres da guerra. E fomos nós soccorridos ? Qual de vós naõ murmurou ? Qual se naõ sentio indignado contra huma Nação , chamada amiga , que em vez do socorro pedido , fez desembarcar em nossas prayas 400 homens do seu Exercito ? Para que fim tantos Soldados ? dizeis vós = naõ nos falta gente , faltaõ-nos armas , e dinheiro : = o dinheiro naõ chega ! as armas naõ acabão de vir ! e nossas prayas estaõ cobertas de Soldados Ingлезes ! para que fim tantos Soldados ? (1) Hum futuro bem proximo fez conhecer aquelle fim. Os factos demonstráraõ , que estava traçado no Gabinete de S. Jaimes reduzir Portugal a huma Colonia , se até entaõ escrava , como tendes visto , ao depois tyranizada pelo orgulho , que caracteriza os descendentes dos BRETOENS. Com effeito , as Tropas Ingлезes eraõ nossas Alliadas , e seus Generaes tiveraõ o despejo de arrogar a si o commando supremo do Exercito combinado , sem attençāo a nossos Generaes , e sem respeito ás ordens do Governo , que entaõ havia. Vieraõ auxiliar-nos ; vieraõ obrar de conçerto com as nossas armas , e Wellesley dispoz , por si só , o plano do ataque : mandou com soberba o General Bernadim : e até lhe recusou o paõ , que , sobejando no seu campo , faltava ha dias aos nossos Soldados. E saõ estes os nos-

B

- sos

(1) O primeiro rasgo , com que os Ingлезes trahiraõ sua tençāo das mnada a nosso respeito , foi recusat-nos aquelles auxilios , que se lhe pediraõ , a saber , armamento , e alguns milhoens ; e fazerem desembocar hum Exercito numeroso. Havia tanta espingarda para a Hespanha , e nenhuma para Portugal ! ..

sos Amigos ? (1) E he assim que obra hum Alliado ? Mas vejamos sua conducta posterior.

Dada a Batalha de *Vimeiro*, se naõ houvessem chimericos planos de conquista nas cabeças Inglezas, poderia ajustar-se huma Capitulaçāo, naõ deshonrosa para a Naçāo Portugueza. Mas que se fez, ó meus Patricios ? Consultou-se acaso a honra, e o decoro da Naçāo auxiliada ? Pedio-se o voto dos nossos Generaes ? Esperou-se a necessaria approvaçāo do Governo ? Estipuláraõ-se artigos compatíveis com os nossos interesses ? . . Famosa Capitulaçāo de *Cintra*, (2) tu serás sempre o vituperio das armas Inglezas, e a prova mais incontestavel da perfidia daquella Naçāo ingrata ! . . Lá vai huma guarniçāo para Almeida, outra para Elvas, outra para o Porto : tudo se lhes entrega, armas, artilheria, viveres, arsenaes, e o resto da nossa antiga marinha : até para remate de seu descaramento, ousaõ arvorar sua Bandeira, onde só deviaõ tremular as *Quinas* Portuguezas !

Á vista de tudo isto, que naõ saõ fabulas sonhadas ; mas factos observados por huma Naçāo inteira, ainda haverá Portuguez taõ cego, que naõ alcance as vistas sinistras da Inglaterra, sua má fé, e o genero de auxilio, que sempre nos tem prestado aquella Naçāo altiva ? Ainda lhe chamaremos Alliada ? Ainda poderemos contar com seu soccorro nos criticos lances da nossa Patria ? . . Que baixezas ! Que roubos taõ

(1) Todo este procedimento dos Inglezes encaminhava-se a excluir das açoens futuras as Tropas Portuguezas, para que lhe chamassemos nossos Restauradores ; e logo, por huma corrupçāo de vocabulo, nossos Conquistadores.

(2) Naõ nos consta que o Governo Inglez desse ainda a mais leve satisfaçāo pelo escandaloso, e detestavel procedimento de seus Generaes na Campanha de Portugal. Ora sendo certo que *Qui tacet, consentire videtur*, julguem os meus Leitores, se sou encarecido no que tenho escrito, tocante ao Governo Inglez. Quando os seus Generaes mandáraõ arvorar a Bandeira Ingleza no Castello de S. Jorge, e outros sítios, o Povo de Lisboa murmurou, queixou-se, e a Bandeira foi arruada, dizendo-se que hum descuido a fizera içar. Que descuido em homens, que se jactaõ de espertos ? *Risum teneatis amici ?*

taõ mal cohonestados! Já o Exercito do *Duque d' Abrantes* naõ pisa o territorio Portuguez : já se naõ pôde pretextar , que Portugal he hum Paiz de conquista , sujeito ao Governo do Imperador , e Rei. Qual he pois a nova especie de justiça , com que se detem nos Portos da Inglaterra huma multidaõ de navios Portuguezes? Os Commerciantes de Lisboa , e do Porto reclamaõ suas fazendas embargadas , e entregues á disposiçao de corruptos Commissarios ; fazem as mais justas representações ao Ministerio Britanico , e os navios apodrecem ancorados ; as fazendas , humas se damnificaõ , outras saõ roubadas , e nemhumas remettidas a seus donos. Ó Póvos civilisados , qual de vós se tem manchado por huma serie de crimes taõ ultrajantes ? (1)

Tal he , ó Portuguezes , em resumido quadro a conduta da Inglaterra para com os seus Aliados. He a esta nossa *Amiga* que devemos o restabelecimento daquelle cobarde , e inepto Governo , que , fraco em sua origem , offendeo depois altamente a Nação inteira , roubando metade do soldo aos defensores da Patria , e decretando com escandalo universal a extincão de muita Tropa , que se tinha organizado : daquelle Governo , composto de Fidalgos que aprenderaõ a politica entre os divertimentos do jogo , e da caça : daquelle Governo , que sempre dormio sobre os assumptos mais sagrados da Causa pública : daquelle Governo , que dividio em Companhias os nossos Regimentos , e formou Batalhoens com Soldados de cinco , ou seis uniformes , tirando assim á Tropa aquelle pondenor , e brio , com que trabalha por sustentar a gloria do seu Corpo : daquelle Governo , que , vendo nossas Fronteiras do Norte ameaçadas por hum Exército taõ valoroso , quanto disciplinado , confiou a defe-

(1) Os Inglezes bem conheciao , que os Vassallos Portuguezes naõ eraõ culpados pela entrada do Exercito Francez em Portugal. Logo naõ tinhaõ direito a reter os nossos navios. E se isto he verdade pelo tempo , que o *Duque d' Abrantes* occupou Lisboa , que será depois que aquelle General passou á França ? Porque se naõ permite a volta dos navios Portuguezes ? Onde está o direito , que os faz demorar , a despeito das mais vivas representações? . . Considere-se bem , e achar-se-ha que só no barbáro Codigo dos Argelinos.

sa da Provincia a paisanos desarmados : daquelle Governo em fim , qua nunca se occupou em manter a independencia da Naçao , e que taõ graves crimes perpetrou , que mereceo o odio , e a execraçao de todos os Portuguezes. Ah! Eu sou testemunha das lagrimas , que vertestes , quando em Septembro proximo passado se vos disse , que a Regencia fora restaurada pelo orgulhoso despotismo dos Inglezes : sim ; vós já profetizaveis a ruina da Patria , logo que ella fosse administrada por Fidalgos Portuguezes. (1) Assim aconteceo : os Inglezes se haviaõ proposto subjugar-nos á força descoberta ; e sentindo que suas armas eraõ insufficientes para o desejado exito da empreza , lançáraõ maõ d'outros meios : o principal consistia em estabelecer hum Governo de estupidos , sem energia , sem talentos , e sem patriotismo ; em huma palavra , huma collecção de automatos , que executassem mechanicos movimentos á vontade das impressoens Inglezas. Este meio foi posto em obra com escandalo de todos os sensatos Portuguezes. Facil era de prever os tristes resultados ; a agricultura , a industria , as artes , e o genio da Naçao continuariaõ a amortecer sem o seu estimulo natural , que he a protecção do Governo ; e os Inglezes , fingindo-se ainda nossos Aliados , acabariaõ de esbulhar-nos o pouco ouro , que nos restava. Graças á Providencia do Senhor , que se dignou libertar-nos de taõ vergonhosa escravidão , fazendo entrar em nosso Territorio o Ex.^{mo} Marechal do Imperio , *Duque de Dalmacia*. Que digo ? Pois naõ somos ainda escravos ? Se sacudimos hum jugo , naõ nos

(1) Os Fidalgos saõ homens como os outros : mas de ordinario quando a sua nobreza tem origem de hum tronco annoso , os fructos , que produzem , saõ peccos , e mal sasonados. A nobreza he hum premio : o premio suppoem talentos , e serviços. Ora he huma verdade incontestavel , que a necessidade (le besoin) he o principio activo , que desenvolve os nossos talentos : e como os Fidalgos experimentem mui poucas necessidades , he por isso que os seus talentos costumaõ ser de huma esfera muito ordinaria. Os Grandes da Regenerada França naõ estaõ neste caso , porque todos devem seus titulos , e sua grandeza a seus serviços relevantes. Graças ás luzes do Imperador Philosopho !

nos grava ainda outro por ventura mais pezado? Recupera-se a perdida liberdade, quando se passa de hum Senhor para outro? He aqui, ó Portuguezes, que deve concentrar-se toda a vossa attençāo. Lançai os olhos sobre a situaçāo actual da nossa Patria, e descubrireis talvez os dados, que podem resolver o Problema da nossa felicidade.

A immensa distancia, em que vive o PRÍNCIPE do Brazil, tornaria inuteis as suas providencias, quando a felicidade de seus antigos Póvos lhe merecesse ainda alguma contemplaçāo. Nós não podemos querer ser governados á maneira de Colonias, onde hum Vice-Rei he sempre hum tyranno; os recursos á Metropoli tardios, e despendiosos; a justiça mal administrada; o Commercio precario, e as letras, e as artes pouco protegidas, para manter os Colonos na dependencia. Naõ; o PRÍNCIPE do Brazil nasceo em Lisboa: e as Leis, que lhe punhaõ nas maõs o Sceptro Portuguez, tiráraõ-lho, logo que S. A. se retirou do nosso seio. Hum Rei he o Pai de seus pòvos; e hum Pai não abandona seus filhos, quando estes mais necessitaõ do seu amparo. Pois que? Nós Vassallos derramaremos o sangue pela vida do PRÍNCIPE; e o PRÍNCIPE ha de deixar-nos desvalidos orfaõs, quando mais que nunca precisavamos da sua protecçāo? Naõ he isto o que jurou: naõ he isto o que deve hum Soberano a seus Vassallos.

Mas dirá talvez alguem, que a sua presençā naõ nos tornava mais felizes; e que sentindo-se ameaçado pelo Exercito do *Duque d' Abrantes*, era dictame da prudencia subtrahir-se ao perigo. Eu respondo 1.º que sua presençā nos era necessaria para nos livrar de muitas vexaçoens, que a sua fugida nos attrahio. 2.º que nunca me pude capacitar de tal perigo. Que? o Rei da Prussia, e o Imperio d'Austria, que attrahíraõ sobre seus Estados as armas Francezas, foraõ conservados por Sua Magestade o Imperador, e Rei; e o PRÍNCIPE do Brazil, que recebia como Aliadas as Tropas daquelle mesmo Soberano, seria derribado do seu Throno? Que outra cousa pertendia o Imperador do Gabinete de Lisboa, que naõ fosse a expulsaõ dos Ingleses? Seu plano era bem conhecido: logo, se S. A. naõ acreditasse os discursos de

de Ministros corrompidos, que podia temer? Desenganemos, Portuguezes; havia annos, que no Parlamento de Inglaterra fôra assentado — mover o PRÍNCIPE REGENTE a transportar-se a seus Estados do Brazil, para estabelecer a nova Capital no Rio de Janeiro; e que quando S. A. se recusasse a esta proposição, devia o Governo Inglez mandar ás Costas do Brazil huma grande expedição, que atacasse em diferentes pontos os Dominios ultramarinos do seu Aliado. —

(1) Que homens! . . . Que lealdade! . . .

Mas prescindamos de raciocinios, para nos limitarmos aos factos, de que ninguem duvida. S. A. sahio deste Reino nos fins de Novembro de 1807: desde entaõ para cá tem decorrido quasi desesete mezes. Logo que chegou á sua nova Corte, devia lembrar-se de seus Vassallos; devia, quando mais naõ fizesse, enviar ás Costas de Portugal huma Não, e duas Fragatas, para conduzir aquellas familias, a quem naõ agradasse (como a elle) permanecer no Reino. E enviou elle, nem ao menos, hum Brigue, que nos trouxesse novas da sua Pessoa? Todos sabem que naõ. No mez de Agosto de 1808 partio da barra do Porto hum Navio com direcção ao Rio de Janeiro, para noticiar a S. A. os successos daquelle tempo: mandava-se-lhe dizer que seus Vassallos estavaõ expondo as vidas por lhe restaurar o Throno; que se tinhaõ pedido soccorros á Inglaterra, e que S. A. naõ devia esquecer-se de hum Povo, que o amava: conseguintemente que nos mandasse quanto antes dinheiro, e viveres, porque de tudo careciamos para o exito da empreza, em que S. A. era o mais interessado. Naõ se passáraõ todas estas cousas, Portuguezes? E que resposta vos foi dada? Vistes acaso entrar algum Comboy em nossos Portos? Que digo? Vistes hum só Navio, que nos trouxesse notícias do Rio de Janeiro? Todavia he constante, que ricas Frotas navegavaõ do Brazil para Inglaterra, levando ali

a

(*) Quem quizer capacitar-se da verdade da minha asserção, lêa hum Discurso do celebre Pit, que se traduzio em Lisboa, e corre em a nossa linguagem. Pelo naõ ter agora á mão, he que naõ declaro por inteiro o Titulo desta tão extraordinaria, como revoltante Dissertação.

a riqueza ; e a abundancia ; e passando defronte de nossas Costas , sem deitar em terra huma saca de arroz , ou caixa de assucar. Oh ! desamor ! Oh ! ingratidão de hum PRÍNCIPE !

Daqui he licito concluir , que S. A. renunciou espontaneamente o direito á Corôa de Portugal. Existe logo em vacatura o Throno Portuguez , porque a Regencia , que erigira o PRÍNCIPE antes de partir , he Governo fantastico , illegal , e nullo. As Leis fundamentaes da nossa Monarchia não permitem , que o Rei trasasse a Corôa a sujeitos da sua amissade. Se o PRÍNCIPE legitimo existe , governe Elle ; se não existe , a Corôa cahe de novo na mão dos Póvos , que sós a podem dar a Varoens prestantes. Em toda a parte a Soberania não he patrimonio particular dos Príncipes ; mas hum depozito sagrado , que se lhes confiou , para promoverem a felicidade pública. He logo nullo por sua natureza o Governo da Regencia. Estamos por consequencia na circunstancias de eleger hum Chefe , que nos governe. Oh ! e com que pressurosá anxiedade devemos ocupar-nos no complemento desta grande Obra !

Portugal precipitou-se nos abysmos da Anarchia. Trazei á memoria o que vistes , e ouvistes nos dias , que precederão a chegada do Ex.^{mo} Duque de Dalmacia. Quem assassinou o General *Bernardim Freire* ? (1) Quem assassinou os seus Ajudantes ? Quem tirou a vida a hum Capitão da Legião Lusitana ? (2) Quem arrastou pelas praças publicas os cadaveres ensanguentados de *Joaõ da Cunha* , e *Luis de Oliveira* ? (3) Quem fu-

(1) O General *Bernardim* foi fusilado em Braga pela populaçā , por conhecer que não podia resistir ao Exercito Imperial ; e os seus Ajudantes tiverão a mesma sorte , só porque eraõ seus Ajudantes.

(2) Este Capitão hia no serviço Público com carras do Bispo. Seu crime foi ter bigode , porque muitos Francezes tambem o tem : e a prova mais decisiva da sua traição , consistio nas cartas que levava ; porque naquelle tempo quem fosse apanhado com huma carta no bolso , era Jacobino , traidor , &c.

(3) *Joaõ da Cunha* foi assassinado por hum bando de malvados , sendo Commandante das Baterias do SENHOR DO BOM FIM. Matao - no , por não dar aos Paizanos quanta polvora lhe pediaõ , á occasião de hum rebate falso , que elle conhecia. Qual fosse o crime de *Luis*

fusilou 'doze desgraçados , que se achavaõ na cadêa desta Cidade? (1) Quem arroimbou as portas daquella prisão , soltando todos os facinorosos , que alli estavaõ? (2) Quem massacrou o Desembargador *Leal*? Quem se atreveo a atacar as portas do Aljube , para assassinar o respeitavel Magistrado , *Chanceller* da Relação , o *Abade de Lobrigos* , e suas *Irmans*? (3) Oh ! Ceos ! Quem traspassou com duas balas o honrado Brigadeiro , *Antonio de Lima Barreto*? (4) Para que forcejo eu em recordar o numero de vossos crimes? He elle calculável , Portuguezes? Vós não conhecieis authoridade , que vos governasse ; o vosso proprio Bispo , aquelle venerando Pastor , que vos tinha conduzido com tanta brandura , foi desacatado em seu Paço , e nas ruas publicas. A voz dos Sacerdotes , que outr'ora escutaveis com reverencia , já vos não

to-

de Oliveira ainda ignoro : os Ministros , que o sentenciáraõ , poderão dizer -lo. Mas por grandes que tivessem sido suas culpas , não competia ao povo assassiná -lo ; e muito menos arrastar seu cadáver até á praia de Villa Nova , donde o lançáraõ ao Douro , depois das mais inauditas barbaridades sobre o seu corpo.

(1) Estes miseraveis fôraõ espingardeados ás portas da Cadêa , sómente por se dizer que eraõ Jacobinos : seus cadáveres tiverão a mesma sepultura , que os dous primeiros.

(2) Não se pôde encarecer o extremo de insubordinação , e de anarchia , a que chegou o povo , depois de dizer -se que ousou franquear as portas das Cadêas da Relação a todos os Ladroens , Salteadores , e Assassinos , que alli se achavaõ. Que delírio ! . . Todo o homem de bem tremia dentro de sua casa , temendo que hum malvado gritasse á porta = mórra , que he Jacobino =

(3) O *Chanceller* , e o *Abade de Lobrigos* fôraõ salvos milagrosamente pela Guarda da Policia , e pelo tocante discurso do P. M. Fr. *Ignacio* , Religioso de S. Francisco. He escusado perguntar -se que crimes tinhaõ : o primeiro era Jacobino , porque , e só porque o povo queria que elle o fosse : o segundo , porque se queria embarcar para o Brazil. Talvez que os seus accusadores pensassem , que o Rio de Janeiro fica mais perto de França , do que Lobrigos.

(4) O Brigadeiro *Antonio de Lima* esteve dirigindo o fogo das Baterias até o tempo , em que avistou algumas já tomadas pelo Exercito Francez. Então conhecendo que seria baldado , e mui perigoso todo o esforço , que se continuasse a fazer , clamou = Senhores , entrem essas peças , e retirem -se , que estamos perdidos = ! A resposta fôraõ dous tiros , que o prostráraõ morto.

tocava os corações. Vós calcastes aos pés as Leis da humanidade, e chegastes a commetter delitos tão nefandos, que os proprios salvagens não cometteriaõ. E estais homens? E ereis Christãos? Tantos males costuma produzir a monstruosa Anarchia! Agora contemplai as nossas relações externas, querô dizer, as que nos ligão ao Poderoso Imperio do Regulador da Europa. Elle enviou á nossa Patria hum Exercito aguerrido, ás ordens do maior de seus Capitaens, e he Sua Vontade dar-nos hum Soberano, que haja de algar-nos da baixeza de Nação escrava, aquella dignidade, que nos caracterisou nos séculos passados. O Imperador, e Rei quer ter comosco relações directas de amizade, e de reciprocos auxílios. Nossa posição Geográfica, que nos faz ser huma Nação do Continente, mostra que he dos nossos mais importantes interesses fazermos causa commun com Sua Magestade Imperial, e Real. Quem não conhece esta verdade? Portugal, como Potencia da segunda ordem, hade ser influida por alguma Potencia da primeira: ora no actual sistema político do Globo, a preponderância do Imperio Francez he tão clara como a luz do Sol. A França todos os dias se engrandece por suas conquistas; a Inglaterra todos os dias se debilita por suas expedições mal calculadas: as despesas, que tem feito a França, ganharão-lhe a confederação universal dos Príncipes da Europa; as enormes despesas da Inglaterra tem servido sómente de arruiná-la. A Inglaterra tira sua subsistencia, e grandeza dos productos do commercio; a França, posto que também Nação commerciante, atcha na fertilidade de seus campos, e nas relações imediatas com os de mais Estados da Europa, com que provêm superabundantemente ás suas necessidades. Fechados pois os Portos do nosso Continente ao commercio Inglez, he força que baqueá a sua soberba. Quem não vê logo que nos convém muito mais unirmo-nos á França, do que á Inglaterra? Imaginem-nos em estado de Guerra com estas Nações: qual he a mais temível? alguns canhões assentados em poucos pontos da costa de Portugal saão sobejos para defendernos de toda a tentativa da parte dos Inglezes: elles só nos tempo invadir por mar; mas os cachiços, de que saão crespas

as nossas praias , e o nosso valor não nos deixão ter susto áquelle respeito. Pelo contrario , do lado da França temos 150 legoas de Fronteira , por onde nos podem atacar as Tropas do Imperador , e Rei : e quem lhes resistirá ? Podemos ainda confiar nas Montanhas , que bordão grande parte das nossas Províncias , depois que vimos o Ex.^{mo} Duque de Dalmacia penetrar a travéz das mais alcantiladas serras de Traz-os-Montes com Artilheria grossa , Cavallaria , e todo o trem de hum Exercito numeroso , e bem abastecido ? Não diziamos , que attentos os desfiladeiros da Província , bastavaõ os paisanos para defendê-la ? E com tudo os paisanos , huns fugiraõ , outros morrerão aos golpes do vencedor. Não diziamos que nossa Cidade , defendida por 200 peças de bom calibre , e hum numero incalculável de gente armada , resistiria a todos os ataques ? E que vistes , Portuguezés ? Não forão rotas todas as Trincheiras no curto espaço de algumas horas ? Pôde alguém fazer rosto á brava fúria das Tropas Imperiaes ? Mas para que me canço em provar huma verdade , que a nossa triste experiençia presenta aos olhos !

Agora devo pedir-vos a soluçãõ deste grande Problema : — Qual he melhor , buscarmos a paz , a segurança de nossas pessoas , e propriedades na sujeição aos Decretos do Imperador dos Francezes ; ou continuar-mos na imprudente luta , que nos expoem a perder a liberdade , a fazenda , os amigos ; e a propria vida ? — Todo o homem perspicaz não fará esforços de cabeca para achar a pedida soluçãõ : os idiotas poderão determinar-se , pelo que vou dizer-lhes.

Nas circumstancias , em que nos vemos , douz partidos oppostos se offerecem á nossa escolha ; a Paz , e a Guerra. Não nos he permitido hum systema neutral ; ou havemos de annuir ás pacificas proposições do Imperador , e Rei , ou preparar-nos para combater indefinitivamente com suas Tropas formidaveis. Os males da Guerra saõ os que vós sabéis ; o sangue , os assassinios , o saque violento , o sacrilegio , o estupro , o adulterio , a fome , o incendio , a indigencia , e a miseria. Oh ! Quem não treme ao imaginar sómente a pavrosa scena do infasto dia 29 de Março ? Qual de vós

Vós não vio ou as praias , ou as ruas ; ou as praças públicas , ou seus próprios lares juncados dos cadáveres de seus amigos , e parentes ! Qual não vio o esposo , e a esposa , a mãe , e os tenros filhos , formando rimas de corpos esmagados ? Tais são as calamidades , a que vos arrastou a vossa inconsideração . E se o exemplo do passado vos não fizer mais sabios , haverá quem possa salvar-vos dos mesmos infortúnios ? Oh ! desgraçada Pátria minha , em que solidão de lucto ! Em que vasto deserto , e montões de ruínas te não converterias !

Sopponhamos , Portuguezes , (porque todas as hypotheses convém que analysemos) supponhamos que o Imperador , e Rei não tinha forças sufficientes , para subjugar , e guarnecer todos os pontos de importâcia destes Reinos . Conseguiríamos nós por isso maior tranquilidade ? Não , certamente ; porque huma forte columna , insufficiente para a conquista de todo o Reino , seria sobejamente para devastar as nossas Cidades , e Províncias . Quem ataca , emprega a sua força onde quer , ou onde lhe convém ; quem se defende é obrigado a dividir-la , e por consequência a enfraquecer-se , porque não sabe onde , e quando será invadido . He logo evidente , que na nossa hypothese , se applicaria o Imperador e Rei a fazer-nos huma guerra ainda mais cruel , e ruinosa . Sim , disistindo então S. Magestade do projecto de conquista , enviaria algumas Divisões ao nosso Reino , no qual os incendios , as mortes , e o saque geral seriaão o castigo de nossa intansata rebeldia . Então qual de nós desejaria sobreviver a seus Concidadãos ? Sem amigos , sem campos , sem propriedades , ah ! Condenados a huma existência mais cruel do que a morte , quem acharia encantos na miserável vida !

Tal he , ó Portuguezes , o lugubre facturo , que nos espera , a não nos decidirmos pelos dictames da prudencia , isto he , dos nossos bem calculados interesses . Pende da nossa eleição o nosso destino . A paz he o maior bem , que os Ceos nos podem conceder sobre a terra : a paz traz a abundância , a alegria , e os prazeres mais deleitosos . Sem paz não ha commercio ; os campos são talados ; as artes não florem ;

vem a fome , a peste , e por fim a morte . Ah ! he tempo , he tempo , ó meus compatriotas ! Ponhamos termo ás desgraças , que nos assolaõ. Tratemos , sem demora , de assoalhar os fervorosos , e sinceros votos do nosso coração. Falta-nos hum Pai amigo , que queira remediar a orfandade de tantos filhos , de tantos miserios escravos , atéqui zombaria de huma Naçao peritura , e expostos ás violentas explosões de Anarquia. E hirêmos longe , ó Portuguezes , para acharmos este Pai tão necessário , e suspirado ? Fallai por mim , virtudes soberanas , que constituis o Augusto caracter do *Duque de Dalmacia*... . Não he , não he o que exprimo venal i
so , queimado em obzequio daquelle grande homem .
na obscuridade , e não cubico luzir nos postos brilhantes da Republica. Mas o bem dos meus concidadãos me inspira quando digo ; e se meus raciocínios tiverem a força de persuadí-los , pagar-me-hei da gloria de haver cooperado para a sua ventura.

Sim , amados Concidadãos , a Benigna Providência do Senhor nos depara o mais justo , e sabio PRÍNCIPE , que podiamos desejar. Os homens chegaõ á Soberania por caminhos diferentes ; huns saõ ali levados pelo sangue , outros pela intriga , outros em fim pelas virtudes. Mas a intriga não respeita o merecimento : o sangue he hum mimo da fortuna , e quanto mais velho , menos inergia tem. As virtudes , as virtudes , e os talentos forão , e seraõ sempre , no Tribunal da razão , os verdadeiros titulos da Soberania. Homens maquinas não servem para Reis : os Póvos querem para Chefes , Genios sublimes , e bem fazejos ; querem varoens consumados na divina arte , que se diz Politica ; querem em fim Heroes , que , sustentando em huma mão igual a balança de Astrea , empunhem na outra a espada de Marte. Taes devem ser os Reis ; tal he , por nossa felicidade , o Ex.^{mo} *Duque de Dalmacia*. Não he Elle meramente hum famoso Capitão ; he hum profundo Politico , he hum Philosopho consummado , he (o que vale ainda mais) hum homem de entradas compassivas , e piedosas. Quem o ouve , quem lhe falla , quem lhe dirige suas supplicas , volta captivo , e penhorado da bondade de seu Coração.

Por-

Portuguezes ; naõ sejaes por mais tempo escravos de funestas prevençoens : olhai por vossos interesses , que saõ inseparaveis de huma paz estavel ; consultai os homens judiciosos , e todos vos dirão quaes saõ as virtudes do Ex.^{mo} *Duque de Dalmacia* , e todos vos dirão o que convem que obremos nas presentes circumstancias. Ah ! manifestemos o que sentem por Elle nossos coraçoens ! Demo-nos pressa em o acclamar Nossa Soberano ! Roguemos a S. Magestade o Imperador , e Rei , que se digne privar-se do seu maior General , para ser o nosso Protector , e o nosso Augusto Monarca ! porque só assim findaráo os flagellos da guerra , que nos assolla ; só assim tornaremos a ser huma Naçao Soberana , e respeitavel ; só assim finalmente conseguiremos os bens , que vos deseja hum vosso Concidadao honrado , e esclarecido. Taes saõ meus ardentes votos , que a Naçao deve exprimir por estas palavras : Viva o Senhor *Duque de Dalmacia* , Rei de Portugal! Viva , e Reine para sempre em nossos coraçoens.

F I M.

2171

